

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 17/10/2018

- [Estudo da ONU aponta que tamanho das famílias no Brasil está abaixo da média mundial](#)
- [Fome obriga mães a darem os próprios filhos na Venezuela](#)
- [América Latina supera taxa mundial de gravidez na adolescência](#)

Assunto: Estudo da ONU aponta que tamanho das famílias no Brasil está abaixo da média mundial

Fonte: Portal G1

Data: 17/10/2018



Um estudo do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), agência de saúde sexual e reprodutiva das Organização da Nações Unidas (ONU), divulgado nesta quarta-feira (17), mostra que a taxa de fecundidade em 2018 é de 1,7 filho por mulher, isto é, está abaixo da média mundial, que é de 2,5.

O nível considerado ideal para manter o tamanho da população é de 2,1 filhos por mulher, e as taxas de fecundidade têm relação com condições de educação, renda e saúde.

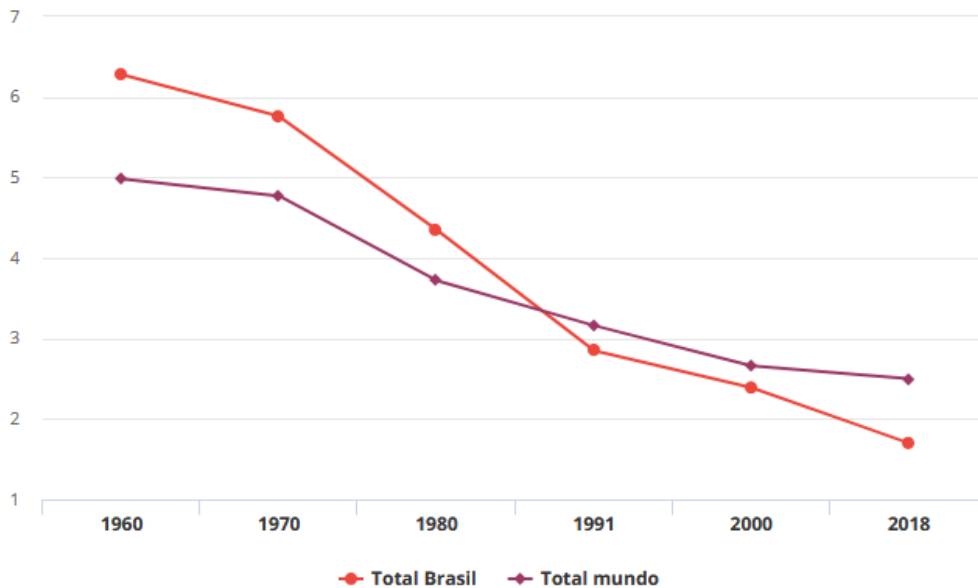
Segundo a ONU, a maioria dos casais no mundo não consegue ter o número de filhos que deseja - ou porque não possui condições econômicas e sociais, ou porque não têm acesso à contracepção.

No Brasil, a redução no número de filhos por mulher aconteceu de forma progressiva nos últimos anos. Mas em geral, as desigualdades mais marcantes no país, em especial de educação e renda, impactam diretamente nas taxas de fecundidade, e elas estão separadas em dois extremos no relatório:

- Mulheres com mais anos de estudo e com uma progressão maior na carreira profissional têm cada vez menos filhos, muitas vezes menos do que o número desejado.
- Mulheres com menos escolaridade, rendimento e oportunidades acabam tendo filhos quando são jovens e, na maioria, nascidos de gravidezes não planejadas.

Taxa de fecundidade

comparativo das últimas décadas



Fonte: ONU

“Essa queda no número de filhos foi devido a transição demográfica, ou seja, a queda nos níveis da fecundidade no Brasil ocorreu de uma forma muito rápida, em 30 anos. Na Europa, na maioria dos países, levou aproximadamente 100 anos, então você veja que foi um declínio muito intenso e um declínio muito rápido”, explica Tais de Freitas, Coordenadora de Programa do Fundo de População da ONU/Brasil.

Recomendações

Para os países como o Brasil, que atingiram a baixa fecundidade em um período muito curto de tempo e ainda mantêm grandes desigualdades sociais e econômicas, o relatório apresenta algumas recomendações:

- Implementar uma educação integral para a sexualidade que garanta que adolescentes e jovens tenham informação adequada para a idade.
- Garantia de acesso a contraceptivos modernos em todo o território nacional, incluindo contracepção de emergência e de longo prazo, para mulheres e homens.
- Acesso a qualidade dos serviços de saúde reprodutiva em geral e oferecer um acesso universal.
- Implementar políticas de conciliação entre trabalho e família e de redução das desigualdades de gênero, pois a realização da maternidade não deve concorrer com uma vida produtiva no mercado de trabalho e a plena realização profissional.

Outros países

Em países do Sul da Europa e da Ásia, as quedas nas taxas de fecundidade têm sido tão acentuadas que estão abaixo do nível de reposição (de 2,1 filhos por mulher), ocasionando uma redução no tamanho absoluto da população com o passar dos anos. Entre os motivos destaca-se a dificuldade de equilíbrio entre a vida profissional e a dedicação à família.

No outro extremo, em alguns países da África Subsaariana, as mulheres seguem tendo mais filhos do que gostariam (em média, 5 filhos ao longo da vida), em especial pela falta de informação e de acesso a serviços de saúde e a métodos contraceptivos.

Assunto: Fome obriga mães a darem os próprios filhos na Venezuela

Fonte: Portal G1

Data: 17/10/2018



Aos seis meses de gravidez, uma venezuelana se mostra decidida: vai dar o bebê que carrega no ventre quando ele nascer.

Ela não é a única a recorrer a esse caminho em meio à crise que assola o país - e que tem deixado cada vez mais gente com fome e sem condição de alimentar os próprios filhos.

No poder desde 1999, o grupo de Hugo Chávez - morto em 2013 e substituído no poder por Nicolás Maduro em uma eleição realizada no mesmo ano - adotou medidas econômicas que levaram o país à escassez de alimentos, à hiperinflação e ao colapso dos serviços públicos.

As críticas internacionais ao chavismo na região esbarraram, muitas vezes, no apoio de governos alinhados ao projeto - como setores do próprio PT, no Brasil, que ainda manifestam apoio ao governo de Maduro, mesmo que seu candidato à Presidência, Fernando Haddad, tente se distanciar da questão.

O país, que já foi um dos mais ricos da América Latina e chegava a distribuir empréstimos e doações na região, enfrenta hoje uma crise sem precedentes.

Com a queda no valor da cotação do petróleo, que responde por 95% das exportações venezuelanas, o país viu secar sua principal fonte de renda. Ainda que os preços tenham se recuperado parcialmente no mercado internacional, a falta de modernização do setor tornou a extrair petróleo uma operação menos lucrativa.

Dados oficiais mostram que 87% da população do país vive em situação de pobreza, contra 48% que estavam nessa condição em 2014.

A taxa de inflação, estimada em 1.000.000% até o final do ano, tem piorado ainda mais o cenário. Em 2017, os venezuelanos perderam 11 kg em média por causa da fome.

Como resultado, cada vez mais crianças têm ido parar nas ruas e cada vez mais mulheres se veem forçadas a entregar seus filhos às autoridades ou a famílias em melhores condições financeiras - um efeito devastador da crise sobre a futura geração.

"Eu expliquei aos meus filhos que não queria abandoná-los", diz outra mulher à BBC News. "Mas não tenho como sustentá-los."

A mulher tem cinco filhos e há três anos entregou três deles às autoridades. Ela diz que "um dia" vai tentar recuperá-los.

Histórias semelhantes de separação entre mães e filhos em função da crise surgem nas favelas venezuelanas.

Judith entregou sua filha logo após o nascimento. E chora quando relembra a história.

"Eu pensei que, fazendo isso, conseguiria alimentar meus outros filhos e que minha bebê teria um futuro melhor", diz ela, emocionada. "Me sinto arrasada por não tê-la comigo".

A busca por comida, inclusive no lixo, tem se tornado uma visão comum no país. Com a pobreza crescente, também virou comum a imagem de crianças vivendo nas ruas.

"Tinha comida às vezes lá em casa, mas não suficiente. Éramos muitos", diz um menino em um grupo com outros jovens.

Um adolescente sentado ao lado dele também revela traços de uma vida difícil. "Saí de casa porque minha mãe me maltratava", conta. "Me cansei disso, mas também pensei nos meus irmãos. Queria deixar a comida para eles".

Apesar das dificuldades, o primeiro menino demonstra esperança em dias melhores. "Eu sei que um dia vou estudar e, quando eu crescer, vou ajudar a quem precisa, porque eu sei o que é depender de ajuda".

A figura paterna era ausente na maior parte das famílias que encontramos nessa reportagem.

Assunto: América Latina supera taxa mundial de gravidez na adolescência

Fonte: Diário de PE

Data: 17/10/2018



A taxa de gravidez na adolescência na América Latina e no Caribe é uma das maiores do mundo, superada apenas em regiões da África, revela um relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

Segundo o documento intitulado "O poder de decidir", 62 a cada mil jovens com idade entre 15 e 19 anos ficam grávidas na América Latina. Esse número excede a taxa média de 44 por 1.000 adolescentes grávidas em todo o mundo, e está abaixo apenas das 93 na África Oriental e Austral e 114 na África Ocidental e Central. "A questão da fecundidade adolescente é um fenômeno que caracteriza a região de alguma forma", disse à AFP Esteban Caballero, diretor do UNFPA para a América Latina e o Caribe.

Equador (111), Honduras (103), Venezuela (95), Nicarágua (92) e Guatemala (92) têm as taxas mais elevadas, ao contrário do Chile (41), Trinidad e Tobago (38), Curaçao (35), Aruba (35), Bahamas (32) e Martinica (20). Entre as causas, Caballero observa que "um determinante básico é a falta de acesso a métodos contraceptivos, isso é o mais óbvio".

Segundo o UNFPA, existem países onde um menor de 18 anos não pode comprar contraceptivos se não tiver a permissão dos pais ou tutor, o que dificulta a aquisição dos métodos mais modernos, como a pílula.

A violência sexista, a falta de educação sexual, principalmente em escolas, e os casamentos precoces são outros fatores que contribuem para o fenômeno. A maternidade na região "começa pouco depois da primeira relação sexual, e as primeiras uniões costumam ser formalizadas perto ou depois de uma gravidez, muitas vezes de maneira involuntária", ressalta o texto.

Pobreza, o círculo vicioso

Segundo a ONU, a gravidez na adolescência é mais comum nos agregados familiares mais pobres e deve-se mais à falta de acesso a métodos contraceptivos do que ao desejo de ter filhos. Essa situação impede que tenham maior acesso à educação sexual ou à independência econômica, motivo pelo qual são mais vulneráveis a engravidar desde cedo, e isso acaba reproduzindo o círculo da pobreza.

"A gravidez na adolescência aumenta o risco de uma vulnerabilidade durante toda a vida, pois pode acabar com oportunidades de maior educação, emprego e, assim, oportunidades de renda. É um fator de transmissão geracional da pobreza", disse Caballero.

Além disso, a gravidez indesejada estimula a prática do aborto em condições inseguras e clandestinas, em uma região onde, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 44

por 1.000 mulheres com entre 15 e 44 anos abortaram entre 2010 e 2014, taxa 9 pontos acima da média mundial.

"As adolescentes que vivem em domicílios mais ricos têm maior acesso a informações sobre saúde sexual e reprodutiva, e maior acesso a serviços de controle de natalidade. Além disso, podem buscar serviços de aborto em condições de segurança, ainda que ilegalmente", aponta o relatório.

Consenso e religião

Para evitar a gravidez precoce, Caballero defende um consenso entre o governo e setores da sociedade civil para estabelecer uma nova abordagem que facilite a educação sexual, o acesso a contraceptivos e o empoderamento das mulheres.

"É uma realidade que existe, mas que nem sempre é reconhecida, e então não a abordamos do ponto de vista da saúde pública, mas tomamos isso do ponto de vista moral", apontou Caballero.

Mas outro obstáculo possível é a influência da religião, principalmente católica, mas com um grande avanço dos evangélicos, que são contrários ao planejamento familiar e ao uso de métodos contraceptivos ou aborto.

No entanto, Caballero minimiza este aspecto: "Há muitas mulheres que decidiram ter menos filhos e que na maioria dos casos optam pelo uso de contraceptivos modernos, e estas são mulheres que são de diferentes igrejas", disse ele.